



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

Renata Braga de Faria
RA 2056458/7

Modificação corporal como suporte midiático

Professor Orientador: Marcelo Godoy

Brasília, DF, junho de 2009.

Renata Braga

Modificação corporal como suporte midiático

Monografia apresentada com um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação para publicidade e propaganda do UniCeub – Centro Universitário de Brasília

Professor Orientador: Marcelo Godoy

Brasília, junho de 2009.

Renata Braga

Modificação corporal como suporte midiático

Monografia apresentada com um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação para publicidade e propaganda do UniCeub – Centro Universitário de Brasília

Professor Orientador: Marcelo Godoy

Banca Examinadora

Prof. Marcelo Godoy
Orientador

Prof. André Ramos
Examinador

Prof^a. Flor Marlene
Examinador

Brasília, junho de 2009.

In memoriam

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai que, mesmo pelas nossas desavenças, diferenças e algumas dúvidas, sempre me apoiou fazendo seu melhor possível. Faço deste trabalho uma explicação de vários desentendimentos de uma vida;

Aos meus irmãos Henrique e Rodrigo por dividirem partes boas e ruins de nossas infâncias;

À Simone que me ajudou muito no pouco tempo que faz parte de minha vida;

Ao André Ramos (Feijão) e Flor Marlene pela assistência voluntária neste semestre. Responsáveis por me auxiliarem com este trabalho, a vocês meu muito obrigada;

Aos meus amigos. Estes não precisam de palavras, eles sabem o quanto são importantes nas horas boas e nas mais difíceis. Por me deixar entrar em suas vidas e me darem suporte, assim como um ombro amigo em todos os momentos;

Ao Beto e o David pela compreensão. Por acreditarem em mim e dar minha primeira oportunidade de crescimento profissional;

Às pedras no meu caminho e infortúnios da vida que me fizeram crescer e abrir minhas visões.

*Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu;
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, não viveu.*

(Francisco Otaviano)

RESUMO

Esta monografia apresenta a dicotomia do corpo e alma para os praticantes da modificação corporal extrema, associado a algumas tribos urbanas que utilizam das *body modifications* para apresentar uma ideologia e o que acontece quando há jovens que não estão satisfeitos com as imposições estéticas e da sociedade em geral e passam a utilizar do próprio corpo para fazer uma mídia alternativa.

Palavras chaves: Modificação corporal, tribos urbanas, Corpo como mídia.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 *Punk*, p. 16
- Figura 2 *Straight edge tattoo*, p. 18
- Figura 3 Tatuagem com o símbolo do *white pride*, p. 20
- Figura 4 Corpete, p. 23
- Figura 5 *Hanyas*, p. 24
- Figura 6 Perfuração, p. 25
- Figura 7 Negro africano com escarificações, p. 26
- Figura 8 Escarificação moderna com queiloide e tatuagens, p. 27
- Figura 9 Tatuagem do James Hetfield, vocalista do Metallica, p. 28
- Figura 10 Joe Tamargo, p. 30
- Figura 11 Índio Karajá em ritual de maturidade, p. 31
- Figura 12 Suspensão, p. 33

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1.1 OBJETIVOS..... | 11 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA..... | 11 |
| 2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA..... | 12 |
| 2.1 CULTURA DE MASSA..... | 12 |
| 2.2 CONTRACULTURA..... | 13 |
| 3 TRIBOS URBANAS..... | 15 |
| 3.1 <i>PUNK</i> | 15 |
| 3.2 <i>STRAIGHT EDGE</i> | 17 |
| 3.3 CARECAS..... | 19 |
| 4 MODIFICAÇÃO CORPORAL..... | 21 |
| 4.1 TIPOS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS..... | 22 |
| 4.1.1 <i>Tatuagens</i> | 23 |
| 4.1.2 <i>Piercings</i> | 23 |
| 4.1.3 <i>Escarificação</i> | 24 |
| 5 O CORPO COMO SUPORTE MIDIÁTICO..... | 26 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 33 |
| 6.1 RECOMENDAÇÕES..... | 34 |
| REFERÊNCIAS..... | 35 |

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos artísticos que surgiram ao longo dos anos, principalmente após o movimento impressionista no século XIX, expressam as manifestações psicológicas e culturais do artista que abrange sua consciência e suas percepções do mundo, tendo uma variação de época para época. Os praticantes da *body art*¹ expressam por meio do próprio corpo através de perfurações, pigmentações, cortes, suspensões, bifurcação, mutilação ou botoque². Estes métodos, desde que foram criados por tribos primitivas, existem para divulgar algo, ou seja, já se utilizavam da arte corporal para mostrar, por exemplo, a passagem do menino à maioridade, diferenciação de tribos ou adornos para guerra.

O ser humano, por natureza, é um animal que tende a se unir em bando com características psicológicas semelhantes, isso geralmente ocorre durante a adolescência quando o indivíduo está à procura de uma identidade. Matheus (2002, p. 110):

Ainda que não encontre dispositivos coletivos (homogeneamente estabelecidos), o adolescente não deixa de buscar no corpo social referências disponíveis, para a partir delas produzir novos significantes para os elementos estranhos com os quais se depara. É aí que, os ideais culturais mais ou menos compartilhados por distintos grupos sociais (ou massas), se mostram como pontos de referência imprescindíveis ao adolescente, tanto para a constituição de sua interioridade, quanto para viabilizar sua pertinência às massas que lhe possam atribuir novos traços identificatórios.

Os jovens, principalmente das megalópoles, tendem a se unirem por meio de grupos para obter mais eficácia de expor seus pensamentos, princípios e ideais para a sociedade em que vivem. Sendo assim chamados pelo sociólogo francês Michel Maffesoli de tribos urbanas. Cada uma destas tribos tem suas regras informais possuindo uma grande variável da conduta de tribo para tribo. Gohn (2004, p. 38):

¹ *Body art* ou *Body modification* é a versão inglesa para modificação corporal extremas, como perfurações, tatuagens, etc.

² Alargador labial muito utilizado por índios amazônicos

Haveria alguns critérios para a ação de um grupo ser um movimento social: consciência grupal, sentimento de pertença ao grupo, solidariedade e identidade. Além disso, os movimentos estariam sempre integrados por modelos específicos de compromissos coletivos, idéias constitutivas ou ideologias.

As pesquisas realizadas neste estudo foram importantes para o enriquecimento dos dados e para a melhor compreensão do assunto. Para ser realizado o projeto de pesquisa baseado na utilização do corpo modificado como suporte midiático, foi escolhida, primeiramente, a pesquisa bibliográfica focando no estudo de livros para organização dos pensamentos, obtenção do histórico e atitudes psicológicas e sociais de cada tribo urbana a ser descrita para poder iniciar o projeto. Foi importante também para ter base teórica e ter acesso às análises já realizadas pelos autores procurados em várias áreas e reunindo-os em um só projeto. Martins e Campos (2004, p. 20):

Pesquisa bibliográfica é a que se efetua tentando resolver um problema ou adquirir novos conhecimentos a partir de informações publicadas em livros ou documentos similares (catálogos, folhetos, artigos etc). Seu objetivo é de desvendar, recolher e analisar as principais contribuições teóricas sobre u determinado fato, assunto ou idéia, utilizando-se de dados obtidos por outros autores.

Estudos documentais em sites especializados, jornais de baixa tiragem (zines) e fotografias, auxiliaram para concretizar os estudos de caso e ajudar no desenvolvimento do trabalho acadêmico. ‘*Documentun* significa todo material escrito ou não, [...]. Neste caso, são registros que possibilitam o acesso a processos de desenvolvimento, mudança de comportamento, vida diária etc.’ (GONÇALVES, 2005, p. 60).

Para unificar as informações coletadas nos livros e documentos, foram utilizadas pesquisas descritivas, pois, ao saber da teoria, se pôde dissertar e descrever sobre o comportamento do público-alvo em relação à sociedade contemporânea baseado em conversas informais com pessoas que convivem no meio em questão.

Assim, a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los. [...] Estudando o fenômeno, a pesquisa descritiva deseja conhecê-lo quanto à sua natureza, à sua composição e aos

processos que constituem ou nele se realizam. (MARTINS e CAMPOS, 2004, p. 20)

O trabalho foi dividido em partes, organizadas da conforme segue: O primeiro capítulo do referencial teórico (item 2) explicará brevemente sobre sociedade contemporânea, cultura de massa e contracultura para abrir os pensamentos sobre as tribos urbanas que irão ser contemplados no item 3. No item 4, serão identificados os tipos mais comuns de modificação corporal para que, no item 5, possam ser relacionados todos os itens anteriores com o corpo, usado como suporte midiático.

1.1 OBJETIVOS

Sabendo que jovens se unem em grupos para obter um compromisso coletivo com idéias construídas, de que forma os pertencentes às tribos urbanas de contracultura das grandes cidades utilizam de modificações corporais para expor esses sentimentos e ideologias? O objetivo do estudo é identificar a importância do corpo para expor idéias e conhecimentos através das modificações corporais e reconhecer, através de pesquisas bibliográficas, documentais e descritivas, como o corpo está sendo utilizados pelos jovens contemporâneos para expor idéias contra a sociedade em que vivem.

1.2 JUSTIFICATIVA

Tendo em consideração que o corpo é constantemente utilizado em pesquisas teóricas, o trabalho é relevante para a comunicação social, pois o corpo está sendo utilizado como uma mídia alternativa, já que, no caso, ele está sendo uma projeção de exemplo cultural por uma faixa etária que é bastante utilizada como modelo para campanhas publicitárias.

2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A maior parte da população brasileira vive nas cidades e cada vez mais vem aumentando o êxodo rural de pessoas que buscam melhores condições de vida nos grandes centros urbanos. Devido a esse aumento desenfreado nas megalópoles crescem também os números da violência, do estresse, da poluição. Com isso as condições psicossociais do indivíduo tendem a mudar, pois, a cidade, por si só, consegue construir um novo tipo organização social e cultural baseada na própria desorganização e caos presentes. Oliven (1996, p. 14):

Para Wirth, um dos mais expressivos membros da Escola de Chicago, o estabelecimento de cidades implicaria no aparecimento de uma nova forma de cultura caracterizada por papéis sociais altamente fragmentados, predominância dos contatos secundários sobre os primários, isolamento, superficialidade, anonimato, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimento sociais, afrouxamento dos laços familiares e competições individualistas.

2.1 CULTURA DE MASSA

Nota-se que a sociedade contemporânea é responsável por tirar do indivíduo suas características naturais, pois, como já diria o filósofo Rousseau, o homem é bom por natureza, a sociedade que o corrompe, logo cabe a ela (sociedade) transformar os indivíduos nela presentes para uma “boa” convivência entre eles fazendo-os assim subordinar à cultura imposta pela maioria e transfigurar sua cultura primária para uma cultura homogeneizada - a cultura de massa. Segundo Rosenberg (1957, p. 22):

Na pior das hipóteses, cultura de massa ameaça não só cretinizar o nosso gosto, mas também brutalizar os nossos sentidos, ao mesmo tempo que abre caminho para o totalitarismo. E os meios de comunicação, conjugados entre si, conspiram todos para esse fim.

Está claro que o capitalismo e a era tecnológica são diretamente responsáveis pela criação do conceito de cultura de massa, pois, para o sistema funcionar, há a necessidade de alguém vender e alguém comprar,

entra aí a internet, que tem um papel fundamental no aumento do consumo desenfreado, afinal com o avanço deste promoveu a disseminação da informação e houve melhorias da qualidade da comunicação de massa. Foi o que, na escola de Frankfurt, Theodor Adorno chamou de Indústria Cultural. Carmo (2001, p. 206):

Na verdade, indústria cultural e a publicidade exercem enorme influência no processo de transformação individual e social, no sentido de produzir e determinar novas atitudes, tendências e estilos de vida. Assim, os padrões de conduta, crenças e hábitos e anseios são, em grande maioria modelados pelos veículos de comunicação.

As técnicas que a comunicação de massa utiliza para moldar as pessoas foram criadas durante a grande depressão que assolou os Estados Unidos na década de 30, e para acalmar um país a beira de um colapso, criou-se a publicidade dirigida, a estímulo-reação. A partir daí começou a surgir o ódio social, aonde a minoria que era bombardeada por pensamentos aglomerativos tentava fugir da sociedade formando pseudo-sociedades com regras informais e ganhando cada vez mais adeptos aos pensamentos de contracultura. Para Goldberg (1972), a desmistificação de tais processos é dificultada exatamente por se ampararem em forças não-lógicas, irracionais, e incidirem inclusive em pessoas que se consideram de excelente nível intelectual.

2.2 CONTRACULTURA

*Dreadlocks*³, *piercings*, tatuagens, moicanos e cabelos extravagantemente coloridos – o que a primeira vista parece simplesmente marcas levianas, configura um conjunto de signos tão rico em cultura quanto se parece. Cada objeto usado tem sua característica peculiar e significativa, além de questionadora e libertária - forma-se assim a cultura *underground*⁴ que tem por objetivo questionar justamente a imposição deliberada dos meios de

³ Penteado que une os fios de cabelo fazendo-os parecer uma corda que ficou famoso com o músico jamaicano Bob Marley.

⁴ A cultura *underground* também é conhecida como movimento de contracultura; repúdio à ordem.

comunicação de massa e a forma como cega as pessoas, tirando sua liberdade de raciocínio. É difícil de ignorar a contracultura porque ela rompe de uma forma radical, todos os paradigmas criados pela cultura dominante. Pereira (1983, p.15):

A contracultura foi certamente propiciada pelas próprias doenças de nossa cultura tradicional. Tais doenças condicionaram seu surgimento, como antídoto, ou anticorpo, necessário à preservação de um mínimo de saúde existencial, que passou a ser socialmente exigido pelo próprio instinto de sobrevivência de nossa vida em comum.

Essa exclusão de pensamentos e personalidade do indivíduo que a Indústria Cultural impõe pode ser comparada a uma prisão social, pois assim como uma prisão real a cultura de massa retira seus padrões individuais tornando o sujeito indiferente, raspam o cabelo, tiram roupas e acessórios, extraem assim tudo que possa demonstrar traços de personalidade. Foi a partir daí que as tatuagens (re)surgiram como algo marginalizado nos anos 80, pois os presos necessitavam de expor quem eles eram através de um objeto que não poderiam subtrair – o corpo.

Mesmo que o ser humano queira ser aceito pela sociedade como parte integrante dela, há a necessidade psicológica natural de diferenciação. Para isso, os meios de comunicação de massa fazem com que “o diferente” esteja na necessidade de ter o objeto de desejo antes que todos e não mais a procura pela exclusividade, por isso a incessante pesquisa entre as empresas (de produtos principalmente) em lançar novas idéias, tornando tudo ultrapassado em 1 minuto, inclusive o indivíduo. Carmo (2001, p. 207):

O intenso bombardeio publicitário a que somos submetidos na vida moderna está intimamente ligado ao capitalismo moderno. Estar diante de uma vida insignificante, com a constatação de que nada somos, e submetidos ao absurdo da existência é de tal forma atemorizador que não nos sentimos capazes de suportar a consciência de nossa condição no mundo. O consumo é a saída mais comum que encontramos para nos distrair.

A moda fez com que alguns tipos de *body modification* se tornassem tendências e ganhassem adeptos de pessoas que passaram a utilizá-las de

forma estética sem nenhum valor agregado, com isso os adeptos destes tipos de modificação passaram a explorar outras formas de mudanças corporais menos aceitas, como *piercings* em regiões exóticas e escarificação, para dar continuidade ao processo de intervenção cultural.

3 TRIBOS URBANAS

As tribos urbanas são grupos de pessoas com interesses e idéias em comum a fim de unirem-se para seguir um conjunto de regras informais. As maneiras de agir, de vestir, vocabulário, são fatores que distingue cada tribo.

Para entender como as tribos de contracultura se comportam e utilizam das modificações corporais para expor os sentimentos de contracultura o estudo se limitará em falar de três tipos de tribos urbanas que tiveram seus ápices na mesma época, entretanto são distintas, com ideologias diferentes, com um conjunto diferente de signos. Mas utilizam das tatuagens, *piercings* e escarificações como suporte para propagação de seus princípios. Busato (2006, p. 145):

No cotidiano urbano a naturalização do consumo e o fascínio das imagens fazem e refazem proposições ao sujeito. Basta observar o amplo repertório de códigos – moda e vestuário, estilização de corpos, tribos urbanas, rituais midiáticos – exigindo novas decodificações e definições. As transações informacionais e as relacionais textualizam-se em imagens ou como corpos e objetos, matrizes da imagem.

3.1 PUNK

A partir da década de 50, o mundo estava passando por uma fase tempestuosa – Segunda Guerra Mundial. O *rock* surgiu dentro de um turbilhão de ações impetuosas que aconteciam simultaneamente. Até os anos 70 surgiram vários tipos de tribos vertentes ao estilo musical, mas, foi em 1975, que surgiu a primeira banda *punk* propriamente dita, os Sex Pistols, graças a Malcom McLaren, seu primeiro empresário e visionário da cultura *punk rock* agressiva.

Como diria Bivar (1982, p. 49) O punk não é simplesmente um movimento musical de letras moralmente questionáveis, e sim um ataque frontal a uma sociedade exploradora, estagnada e estagnante nos seus próprios vícios. Utilizavam muito a própria imagem para representar esses insultos, não só a apologia ao caos, mas até mesmo na forma de se vestir:

cabelos coloridos, alfinetes, correntes, calças rasgadas e surradas, blusas com escritas ofensivas – uma espécie de Dadaísmo⁵, afinal o Dada também foi um movimento artístico de desordem e político. Essa primeira geração ficou conhecida como *anarcopunks*, por ter a anarquia como ideologia.

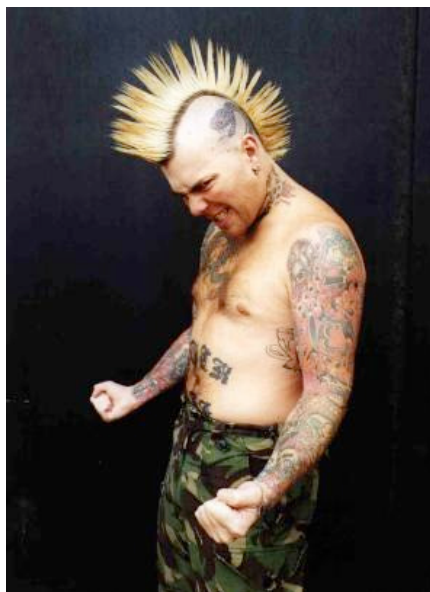


Figura 1 – Punk

Fonte: Disponível em: <<http://www.seeuinhell.com/images/punktat.jpg>> Acessado em 07 maio 2009.

Não durou muito para a deterioração do movimento ainda na própria década de 70 pelas mídias conservadoras da época, afinal era um movimento novo, baderneiro, sem nenhuma regência de pensamentos a não ser o “faça você mesmo”. Mas foi ressurgido na época da guerra das Malvinas, aonde por um lado (Europa) já não agüentava mais tanta guerra, o outro (Américas) vinham sofrendo com o desemprego e violência, e essa segunda leva do *punk* está mais ligada à guerra e a às injustiças sociais, levando mais a sério uma geração abandonada buscando no um estilo pela luta da sobrevivência moderna do movimento.

Carmo (2001, p. 205):

‘O estilo punk era um pedido de atenção, juntamente com um grito de raiva contra aqueles que, no passado deveriam ter dado atenção a essas crianças e não deram’. Com seus exageros perturbava e

⁵ Dadaísmo ou Dada foi um movimento artístico criado em 1916 na Alemanha.

agredia: em alguns casos os alfinetes das roupas passaram para as orelhas e bochechas, traspassando a carne. Giletes, cruzeiros gamadas e suásticas foram outros adereços típicos, sem falar nos cabelos eriçados tingidos em cores berrantes e nos desenhos e tatuagens. O conjunto da apresentação visual ostentava proposital mau gosto, feito para chocar ou agredir.

Há também vários tipos de *punks*: o *streetpunk* foi criado na segunda onda do movimento justamente contra a popularização da cultura *punk* e contra o *new wave*⁶, o OI! que foi originado nos subúrbios conseqüentemente é muito ouvido também pelos *skinheads* (vide item 3.3), e o *hardcore* que utiliza letras politizadas e revoltadas, com batidas mais rápidas, estilo esse que veremos a seguir.

3.2 STRAIGHT EDGE

O *straight edge*, ou “lado certo” é um estilo de vida associado musicalmente ao *punk* e ao *hardcore* defendendo a abstinência às drogas ilícitas e lícitas (eles acreditam que ingerir remédios altera o corpo natural, além de muitos dos medicamentos serem testados em animais), muitos deles também são vegetarianos ou *vegans*⁷. Assim como o moicano identifica os *punks*, o X na mão identifica os *straight edges*. A origem do X surgiu da cultura *punk* no começo dos anos 80, nos *shows* que eram realizados no oeste dos Estados Unidos, e para evitar que os jovens que não tinham idade para beber consumissem álcool, marcava-se então um X nas mãos dos menores de idade e assim o bar não perderia a autorização para vender bebidas. Já na segunda metade dos anos 80, alguns jovens, liderados pela banda *minor threat*, perceberam que o movimento *punk* e *hardcore*⁸ estava sendo arruinado pelo

⁶ Estilo considerado debochado e alegre do *Rock n' Roll*, como por exemplo, a banda *B52's*

⁷ *Vegans* são vegetarianos radicais que, além de não comerem carne, não utilizam nada que provém de animais, como leite e derivados, cosméticos são testados nos animais, roupas de couro, etc.

⁸ O *hardcore* é o movimento que surgiu pós-punk no final dos anos 80 nos EUA e tem como significado “linha dura”, ou seja, as músicas tem a batida pesada com letras de protesto.

uso excessivo de drogas e álcool. Segundo o xManekox, da banda xLinha de Frentex⁹ de Brasília:

[...]e o *straight edge* surgiu em contrapartida disso, ou seja, partindo do ponto que se entorpecer não tem nada de contestador e/ou revolucionário, e que seria exatamente o contrário, que o álcool e as drogas são usados pelas elites para anestesiarem o potencial revolucionário da juventude e manter os ânimos entorpecidos e sob controle das elites que se beneficiam com isso.¹⁰

Vendo isso, os adeptos ao *straight edge* começaram a utilizar este símbolo como forma de identificar o movimento, tatuando-os, em roupas e acessórios. Hoje, é utilizado três X seguidos, que significam corpo, mente e alma.



Figura 2 – Straight edge tattoo

Fonte: Disponível em:

<<http://www.anonymoustattoo.com/images/tattoos/zack/color/straightedge.jpg>> Acessado em 14 abril 2009.

No *marketing*, os jovens são vistos como público de fácil acesso e ideal para o consumo deliberado pois, já que estão em fase transição devido ao crescimento emocional, possuem uma curiosidade natural para coisas novas. Tendo em vista esta facilidade, é na adolescência que a maioria deles começam o consumo deliberado de drogas e álcool. No começo por

⁹ É comum entre os *straight edges* utilizarem o X antes dos nomes para identificação de quem ou qual banda é do movimento ou não.

¹⁰ Trecho retirado de uma entrevista do site <http://www.osubversivozine.com/entrevista/xlinha-de-frentex>, acessado em 08 de abril de 2009

curiosidade e por desinibição, podendo assim virar um vício. Outros, que vão crescendo no meio da cultura *hardcore*, acabam encontrando os *straight edges* e começam a ver que não tem nada de anormal em não utilizar meios para ficar mais “alegre”, então passam a virar *drug free* (livre de drogas) sem virar motivo de piadas, e mais que isso, estes jovens aprendem os valores e respeito ao próximo, assim como a libertação animal.

Mas mesmo com essa filosofia de vida, os SxE (sigla) são bastante criticados pelas pessoas, pois, assim como os *punks*, a aparência pode chocar: várias tatuagens, principalmente de caveiras, com bandanas, bermudas, *piercings*, alargadores, alguns carecas (que as vezes são confundidos com *skinheads*), com cintos de arrebite e um visual agressivo – acabam existindo assim um pré-conceito sem mesmo saber do que a cultura se trata. Esta concepção existe pois o movimento não é divulgado pela mídia convencional e por se tratar de uma cultura de rua, são um grupo fechado.

3.3 CARECAS

De origem inglesa dos anos 60, os *skinheads* surgiram da classe operária e até hoje suas vestimentas demonstram essas raízes, pois se orgulham disso e essa é a base de suas ideologias. Para o escritor Glauco Mattoso (apud Carmo, Paulo Sérgio 2001, p.230):

O *skinhead* autêntico mantém seu brio e sua tradição, baseado nos valores da classe operária, ou seja, visual durão, estóico e orgulhoso (com o cabelo raspado, a bota, a tatuagem), a paixão pelo esporte do povão (como o futebol e o boxe) e pela música de rua, de gueto ou de garagem [...]

O *skinhead* foi uma mistura dos *hooligans*¹¹ e os *rude boys*¹², estes foram originários da *black music* como o *ska*, o *rocksteady* e o *soul* e são

¹¹ Torcedores extremistas que utilizam da paixão pelos clubes europeus de futebol para brigarem entre si

¹² Denominação para gangues políticas Jamaicanas.

conhecidos como *Tradskins* ou seja, os tradicionais, que inicialmente era compostos por negros e brancos, formando assim o *2 tone* – ou dois tons.

Ao contrário do *straight edge* que originou-se do movimento *punk*, os *skinheads* surgiram contra eles por crerem que eles se afundaram no mesmo sistema que lutavam contra. Ainda no livro Carmo (2001, p.230):

Os *skinheads* autênticos renegaram o *punk*, acusando-o de ter sido absorvido pelo sistema que ele fingia combater. O surgimento do *punk* e sua transformação em *new wave* estimularam o retorno do *skinhead* na década de 80 como forma de enfatizar sua própria identidade.

Na retomada do ideal, o *skin* continuou se preocupando com a aparência, 'preferindo a estica ao deliberado relaxamento dos *punks*'. E aquilo que havia sido um fenômeno típico da cultura britânica, desde a década de 60, iniciava em 80 uma expansão mundial, reunindo simpatizantes na Europa, nos Estados Unidos e na Austrália, bem como em lugares inesperados, como o Japão e América do Sul. Nos anos 90, o movimento ganhou adeptos nos países saídos do regime comunista, no leste europeu.

A principal ideologia dos carecas¹³ é o patriotismo. São seguidores da ordem (abominam o anarquismo), da soberania da pátria, apoia o regime autoritário e são contra o homossexualismo, os imigrantes e nordestinos. Na teoria também contra as drogas e a pornografia, e, ao contrário do que se pensa, não necessariamente são *white power*¹⁴ ou também chamados dentro da cultura de *Boneheads*.



¹³ Como são conhecidos os *skinheads* no Brasil

¹⁴ Grupo extremista que apóiam o poder branco como raça soberana, eles são chamados de neonazistas.

Figura 3 – Tatuagem com o símbolo do *white pride*

Fonte: Disponível em:

<http://photos.jpgmag.com/1605826_156501_f49bb8289a_p.jpg> Acessado em 14 abril 2009.

As principais características visuais deste grupo são os cabelos bem curtos ou raspados, roupas camufladas, suspensório e coturno. O cadarço do coturno indicam a característica de cada um, o branco significa que é *white power* ou de extrema direita e o vermelho que integram o movimento RASH (*Red and Anarchist Skinheads*, ou seja, os *skins* anarquistas e comunistas) que são anti-facistas e, ao contrário dos de extrema direita, se opõe aos preconceitos incluindo a homofobia – é a versão positiva da cultura, mas sempre mantendo o orgulho operário.

Existem também outros tipos de *skinheads* menos conhecidos como o SHARP que significa *Skinheads Against Racial Prejudice* (*skinheads* contra o preconceito racial), estes também são contra o *white power*, que foi criado nos anos 80 em Nova Iorque para explicar a versão do movimento que, apesar de ser maioria, os meios de comunicação tendem a utilizá-los como bode espiatório para eventuais ataques de *hooligans* e *boneheads*, e foi justamente por isso que criaram o SHARP, para explicar à população que nem todo *skinhead* é racista ou nazista.

4 MODIFICAÇÃO CORPORAL

A modificação corporal ou *body art* é um modo de manusear o corpo de forma voluntária realizando cortes, implantes, amputações, perfurações, pigmentações e queimaduras sendo, em sua maioria, uma mudança permanente. Como diria Santaella (2004, p. 69), seu conteúdo é autobiográfico e o corpo é usado como próprio de uma pessoa particular e não uma entidade abstrata ou desempenhando um papel. É uma resposta instintiva do inconsciente à espiritualidade na cultura contemporânea.

A procura por outras formas de expressão sempre esteve ligada ao homem desde as tribos de culturas primitivas, como algumas tribos africanas que realizam até hoje escarificações consideradas adornos - dos botoques indígenas, às gueixas que deformavam os pés, passando para o espartilho que modelava a cintura de homens e mulheres no começo do século XIX; e hoje, como nunca, a modificação corporal está mais presente nessa fase da sociedade: o culto ao corpo novo, no qual os indivíduos são extremamente visuais. Para Castro (2003, p. 11):

Inúmeras sociedades do passado foram lugares privilegiados para o consumo de produtos ligados à beleza, à saúde e à moda. No entanto, a partir de meados do século XX, os cuidados com o corpo deixaram de ser uma experiência provisória, finita e relacionada sobretudo com determinadas idades ou épocas da vida. Tornaram-se um direito e um dever incontestáveis [...].

Podemos destacar dois tipos de modificação corporal: a primeira é socialmente aceita e muitas vezes imposta, podemos citar as cirurgias estéticas - lipoaspiração, silicone, rinoplastia¹⁵. O outro tipo são as *body modifications* que por muito tempo foram marginalizadas e atualmente vem crescendo o número de adeptos. Esta também pode ser estética para aceitação de um determinado grupo, como, por exemplo, o *piercing* no umbigo para uma tribo, ou um indivíduo que faz uma tatuagem por considerar bonito, mas sem nenhum valor agregado a ela. A versão não-estética e socialmente

¹⁵ Cirurgia plástica estética para nariz.

não-aceita são as que nos interessa neste trabalho, pois são indivíduos que praticam a *body art* por manifestação artística ou cultural e social, e vê nela uma oportunidade de demonstração de valores, independente qual seja.



Figura 4 – Corpete
Foto: Renata Braga

4.1 TIPOS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Existem várias formas de modificações corporais presentes nas tribos urbanas do mundo todo, este trabalho abrangerá somente as formas mais comuns delas, associando essas práticas como uma forma de *outdoor* de pensamentos e características pessoais e particulares do indivíduo. No livro *O Corpo Como Suporte da Arte*, Pires (2005, p. 107), afirma:

Uma das qualidades adotadas para se definir a beleza do corpo humano é a conservação da pele. Esta deve apresentar-se lisa, sem rugas, vincos de expressão, sinais, cicatrizes nem manchas. A pele imaculada distancia a imagem de falência do corpo. O ato de depositar pigmentos sob a pele (tatuagem), de transpassá-la e adorná-la (*piercing*), ou de fazê-la adquirir um novo volume (implante), permite ao indivíduo incorporar, numa região do corpo real, a abstração e dar à pele dessa região uma marca que possui o caráter de definitivo, o caráter (embora não verdadeiro) de não se transformar com o tempo. Assim, a mácula aplicada à pele por essas técnicas proporciona ao seu portador a sensação de imortalidade.

4.1.1 Tatuagens

A tatuagem é um procedimento invasivo que consiste na pigmentação permanente da derme através de agulhas com tintas atóxicas fabricadas para esta finalidade, aplicado na camada subcutânea. Os desenhos variam de tamanho, cor e estilo. De tribal preto e branco às fortes cores do *new school*¹⁶.



Figura 5 – Hanyas¹⁷
Foto: Renata Braga

Entre as modificações citadas neste estudo, a tatuagem é a mais popular e aceita, principalmente pelos jovens. É usada como um símbolo de identidade pessoal e de comunicação social, compartilhando as suas histórias em seus corpos.

4.1.2 Piercings

Consiste na perfuração da pele com uma agulha e a implantação de adornos metálicos (ou não) não-tóxicos em formato de argolas, *spikes*,

¹⁶ Ou contrário do *Old School* que é ligado ao grafiti, o *New School* é um estilo de tatuagem com cores fortes, traços mais grossos e figuras tridimensionais distorcidas.

¹⁷ Acredita-se na cultura oriental que as Hanyas são figuras de mulheres ciumentas

alfinetes, etc. Muito utilizado ainda hoje por tribos indígenas da América do Sul para fins estéticos e adornos para guerra.

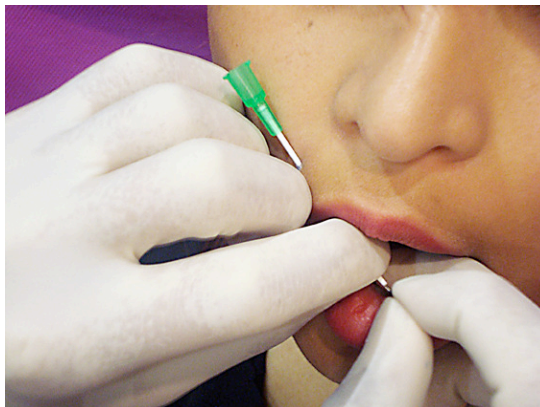


Figura 6 – Perfuração
Foto: Renata Braga

Para Pires (2005), o *piercing* pode ser usado como outras vias de prazer sexual, ao contrário da tatuagem e da escarificação, dependendo onde o *piercing* é colocado ele pode ser funcional e/ou estético. Atualmente os *piercings* de castidade no prepúcio e nos grandes lábios não são utilizados, porém os funcionais se transformaram em uma busca de auto-prazer, no prazer do ato sexual ou no prazer do parceiro. O *piercing* estético é o mais aceito e utilizado como os do umbigo, sobrancelha, etc..

4.1.3 Escarificação

Um bisturi afiado é usado para cortar a pele e criar formas, a cicatrização forma o desenho. Foi e ainda é muito utilizada pelos negros africanos, pois como as tintas não ficam em evidência pela tonalidade da pele, eles fazem cortes profundos para cicatrizar em alto relevo, às vezes até jogando vinagre nas feridas para inflamar e assim ficar mais alto. (vide Figura 7)



Figura 7 – Negro africano com escarificações

Fonte: Disponível em:

<<http://www.uihealthcare.com/depts/medmuseum/wallexhibits/images/ScarBack.jpg> >

Acessado em 14 abril 2009.

A escarificação possui alguns subgrupos: O *branding* que é a queima da pele utilizando um metal em brasa, comumente utilizado para marcação de gado, só que é feito peça por peça dependendo do desenho, ou pode ser feita com um laser médico cujo o traço e profundidade são possíveis de serem controlados. Pode também ser feito com lixas através de fricção ou agentes químicos corrosivos.

Quando o desenho tem uma área grande é feita a delimitação da figura e a pele é removida com um bisturi. O tempo de cicatrização das escarificações é de acordo com o organismo, profundidade e o tipo realizado.



Figura 8 – Escarificação moderna com quelóide e tatuagens

Foto: Renata Braga

5 O CORPO COMO SUPORTE MIDIÁTICO

O *rock* foi um movimento que deu o pontapé inicial para os grupos de contracultura ainda quando a *body modification* contemporânea ainda não havia surgido. Ao perceber que os jovens tinham esse sentimento de libertação contra o sistema e isso poderia acabar com a linha de pensamento criada pela Indústria Cultural, os meios de comunicação de massa fizeram desaparecer os aspectos subversivos do *rock*, principalmente após a morte dos ídolos e heróis que o construíram (pode-se citar Elvis Presley, John Lennon, Jim Morrison, e até os Rolling Stones que, depois de 50 anos de carreira, não tem mais o velho sentimento *rock n' roll* libertário que tiveram outrora). Fragilizado, foi convertido em moda, agora banalizada pelos meios de comunicação de massa.



Figura 9 – Tatuagem do James Hetfield, vocalista do Metallica
Foto: Renata Braga

Para Beatriz Sarlo (apud VILAÇA, Nízia e GÓES, Fred – 1998 p. 141):

Os traços de estilo aparecem e desaparecem, voltam as jaquetas pretas por uma temporada, as luzes e as sombras do *punk* podem ser o ponto alto da maquiagem, as feridas dos *skinheads* são recicladas via tatuagem, o couro toma lugar do *jeans*, o *jeans* toma lugar do couro, topetes com gel ouucas raspadas, garotos que no fundo são um tanto racistas vestem coletes Bob Marley.

Ou ainda (CARMO, 2001, p. 205):

O estilo *punk* conseguiu o que pretendia – provocar emoções perturbadoras e conflituosas: raiva, compaixão, medo e piedade. E, embora originado da juventude de classe trabalhadora, em seguida foi assimilada por vários adolescentes de classe média e alta, e assim se tornou estilo que já nada tem de andrajoso.

Sendo assim, os jovens modernos tinham que procurar outras formas de explorar seus sentimentos e ideais de outra forma, sendo assim, resolveram intervir aonde a própria sociedade reverencia: o corpo. Em sua análise, Hewitt (1997) considera que os atos de mutilação-voluntária atualmente podem expressar uma mudança na forma como as pessoas encaram a marginalização da sociedade.

Ao rasgar, pintar ou perfurar há uma (re)apresentação não só às pessoas de mesma bagagem cultural, como para a sociedade em geral. Um anúncio publicitário corporal que, às vezes permanente, faz refletir sobre ícones da contemporaneidade e vira uma complexa relação de signos que revelam a linguagem subversiva que elabora as estratégias de estilo e atitude. A jornalista de moda Erika Palomino (apud GARCIA, Wilton 2005, p. 70) escreve:

O corpo – máximo dos anos 90 – ajuda a contar quem você é: o ápice da *body art* como forma de expressão. O importante é transmitir um caráter de não conformidade. A aparência serve, portanto, para atestar que esses indivíduos fazem parte de um grupo de iniciados, pessoas informadas que atendem a determinados estilos de vida. Ao mesmo tempo que se valoriza a personalidade, ressalta-se a sensação e impressão de pertencer a um núcleo, a uma geração, a qualquer coisa. O objetivo é uma coletividade que, consciente ou inconscientemente, surge como mola propulsora para esses universos.

Ao escolher o tipo de *body modification*, o fato que aconteceu em seu passado, a sensação que provoca e a emoção, são fatores que o inconsciente desperta para criar um símbolo individual. O corpo então vira uma tela, ou uma lembrança fotográfica gravada na pele para expressar concretamente os pensamentos, memórias e desejos do ser, ou seja, um registro corporal. Uma forma de mutação do corpo estéril para um quadro

lotado de informações, formas e sensações representando a liberdade pessoal separando o indivíduo do corpo, mas unindo-o através de sua alma por meio de sentimentos do inconsciente gravado no próprio ser. Ou seja, um suporte para expressão, pois em seu espaço íntimo, o corpo, vira um *outdoor* criando sua percepção própria do mundo. Neste tipo de transformação do corpo e da alma o indivíduo passa a ser um objeto: vira uma tela de valores, um retrato do passado ou até um jornal sensacionalista para expressão de ideais, pois as modificações são um meio de influencia através da pele para as relações interpessoais.

Segundo o livro *O Corpo Como Suporte da Arte*, Pires (2005, p. 61):

Alguns indivíduos – como os pertencentes ao grupo denominado por Fakir Musafar em 1967, de *modern primitives* – partilham da idéia de só se sentirem completos a partir do momento em que adquirem suas respectivas marcas pessoais. Para eles a lembrança de acontecimentos especiais e as emoções que estes despertam devem ser visíveis e estar registradas no que de fato lhes pertence: o corpo.

Joe Tamargo, por exemplo, vende parte de seu corpo para as empresas de *websites* que queiram utilizá-lo como um *outdoor* ambulante para fazer propaganda. Apesar de parecer estranho, a justificativa dele é válida: ele acredita nos sites em que tatua, ao invés de tatuar coisas sem sentindo como dragões, tribais, etc.



Figura 10 – Joe Tamargo

Fonte: Disponível em: <<http://gizmodo.com/assets/resources/2007/08/grownupgeek.jpg>>
Acessado em 09 de abril, 2009.

Assim como Joe Tamargo, os *punks*, *straight edges* e os carecas utilizam destes meio também, não para vender coisas, mas para vender idéias, pois, ao possuir um tipo de adereço no corpo, a região comum a todos, passa a ser diferenciada.

Ou seja, desfigurando a pele e passando a região concreta em um pensamento subjetivo, pode-se afirmar que a dor causada pelo processo da modificação é extremamente crucial para o processo de formação do movimento do inconsciente, pois, como o ser humano em sua natureza é um animal competitivo, ao ser induzido à dor somática¹⁸ causada pelo corte da pele (tanto *piercing*, quanto tatuagem e a escarificação) há uma descarga de adrenalina e estresse seguida do sentimento de alívio e superação, relaxamento. É esta sensação que se faz crer o porquê a *body modification* seja algo viciante, afinal vivemos em uma sociedade em que está sempre a lutar contra as dores, digerindo doses cavalares de analgésicos e aspirinas, além de a ciência que estar criando formas indolores de transformações corporais estéticas. Contudo a dor sempre fez parte do processo de superação e crescimento do homem, como maturidade, desde os tempos de tribos primitivas que utilizam até hoje a dor como processo de amadurecimento. Um exemplar deste tipo é da tribo indígena Karajá que se localiza entre os estados de Mato Grosso e Tocantins. Ao chegar a uma determinada idade os meninos passam por um ritual o qual é feito uma festa e, com uma clavícula de macaco, o queixo deles são perfurados para colocação de um adorno que o acompanhará para sempre.

¹⁸ Dor somática é a dor oriunda das partes mais externas do corpo como a pele, músculos, etc.



Figura 11 – Índio Karajá em ritual de maturidade

Foto: Claudía Andujar/s.d.

Disponível em < http://img.socioambiental.org/d/212737-1/karaja_6.jpg >

Acessado em 09 de abril, 2009.

Apesar de ser universal, a dor pode adquirir significados diferentes para povos, culturas e indivíduos diferentes. E assim, tanto sua percepção quanto sua terapêutica são muito variadas. Originada de um ritual de Hindus e índios nativo-americanos, podemos citar a suspensão, a prática mais perigosa da modificação corporal – talvez até a mais dolorida, e, assim como um ritual, é realizado todo um processo de meditação, preparação, abstinência e dieta. O praticante é preso por vários ganchos de metal bem parecido com os usados para suspender carne nos frigoríficos. A dor é intensa, mas a pessoa que está sendo suspensa não pode ficar nervosa (por isso o preparo anterior), pois, se isso acontecer, ao contrair os músculos a pele pode ser rasgada.



Figura 12 – Suspensão

Foto: Renata Braga

A suspensão é um bom exemplo da intercorporeidade que a modificação corporal representa; a separação do corpo-alma. A pele vira um instrumento utilizado para algo maior do inconsciente, desde a vontade de praticar, ao preparo e os cuidados à descarga de adrenalina e endorfina, e, o principal, a superação do medo; a dominação do corpo com a mente. Em uma entrevista Fakir Musafar¹⁹ para a revista americana *Re/Search*, 1989 (apud BRETON, David Le, 2007, p. 37)

A negatividade da dor (sensação forte e inesperada) só existe para os não-preparados. Se você tiver treino suficiente, conhecimento e prática, pode superá-la, transformá-la ou convertê-la no que quiser...É o que mais faço quando me penduro com ganchos na pele. As pessoas dizem: 'Isso deve doer demais'. Respondo: 'Não, é extático, é belo'

Considerando a análise de Pires (2005), algumas pessoas que buscavam sensações prazerosas nas atividades que normalmente causam desconforto e desprazer, tinham como estratégia fazer *voyeurs*²⁰ ficarem angustiados ao olhar a apresentação da modificação corporal (como a

¹⁹ É um pioneiro pesquisador sobre modificações corporais há 50 anos

²⁰ Pessoas que sentem prazer em observar um ato de caráter sexual

suspensão, por exemplo) demonstrando assim as complexas articulações psíquicas que existem entre prazer e dor.

Em seu livro *Mal-estar na civilização*, Freud (apud JEUDY, Henri-Pierre, 2002, p. 24) escreve:

Um ponto que parece certo é que a emoção estética deriva da esfera das sensações sexuais; ela seria um exemplo típico de tendência inibida em sua finalidade. Originalmente, a 'beleza' e a 'atração' são atributos do objeto sexual. Vale a pena observar que os próprios órgãos genitais, cuja visão é sempre excitante, dificilmente são considerados belos. Em contrapartida, um atributo de beleza parece ligar-se a caracteres sexuais secundários.

Depois da Revolução Industrial do século XIX e da Revolução tecnológica do século posterior, estamos na época da Revolução Sexual e todas as transformações estéticas são voltadas ao fetichismo do corpo e com isso seguimos para o mundo pós-humano. Hoje, algumas modificações corporais – tanto as estéticas convencionais, quanto algumas estéticas não-convencionais – são voltadas ao sexo. Ou seja, assim como o salto alto impõe a quem usa, pode-se dizer que, uma pessoa que possui algum tipo de *body modification* também causa imposição sobre uma que não tem; o maior, a imposição, o poder, sempre foram fontes de pensamentos sexuais.

Quando o cultuado corpo é violado pela *body modification* ele passa a ser um agente emissor simbólico, emitindo em um canal sem ruídos a um receptor previamente escolhido em seu subconsciente, ou seja, é uma passagem do corpo para uma imagem corporal aonde o que conta não é mais o objeto-corpo, e sim a imagem. Intervir no corpo é afrontar o que é imposto à humanidade. Para Mello (2002 p. 219), o corpo pode ser observado como lugar da construção de sentidos, espaço de investigação e criação de novas realidades, em conexão com diferentes meios e que se apresenta como aparelho produtor de linguagem.

Pode-se então observar que a juventude contemporânea é desprovida de enigmas a serem resolvidos, jovens entediados pela rotina e controle excessivo que a sociedade impõe, encontram na violência social e corporal uma forma de extravasar seus sentimentos. Pertencer a uma gangue

(tribos urbanas que utilizam da agressão física e mental) dá um grande sentimento de participação ativa contra a sociedade. Não há motivos claros e conscientes para esses atos, simplesmente a dicotomia da dor/prazer é que fazem desses adolescentes, vítimas bombardeadas pelos meios de comunicação de massa, cada vez mais agressivos, pois ao mesmo tempo em que eles se encontram em uma sociedade que tanto engrandece a beleza da juventude, a mesma não dá o devido suporte para a formação desses adolescentes. Para Vilaça e Góes (1998, p.135):

Olhar os 'modernos primitivos' das tribos urbanas implica perguntar também sobre as relações entre natureza/cultura, corpo/espírito, identidade/alteridade e outros pares que balizam o surgimento de sentidos para suas representações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ampliação da cultura de massa pode aumentar gradativamente a emissão de propagandas de estímulo/reação massificando assim os pensamentos de algumas pessoas da sociedade contemporânea. É por isso que as tribos urbanas utilizadas para projeto em questão surgiram nas décadas de 70 e 80, pois, atualmente, não existem outras tribos de contracultura tão conhecidas quanto elas, afinal com a expansão dos meios de comunicação de massa, a implantação da internet, e claro, os fatores externos como falta de guerras épicas, ajudou a pacificar as novas tribos que vieram a se formar, como por exemplo, o *emo*²¹ que é uma variação do *hardcore*, estilo esse que veio do *punk*. Embora em menor quantidade, ainda existem jovens que seguem as ideologias antigas por acreditarem que tem algo errado no procedimento de conduta da sociedade e que esta necessita de ser mudado, e, já que os adolescentes por si só não são levados com seriedade, pertencer a uma tribo ativa dá um maior sentimento de funcionalidade dentro do sistema.

Os meios de comunicação conseguiram popularizar alguns tipos de *body modification*, e conseqüentemente deixaram de ser vistas como algo marginalizado para se tornar moda. Se por um lado propiciou para os adeptos deixarem de serem alvos de preconceitos por parte de alguns dos tradicionalistas, por outro houve uma banalização dos significados das tribos de contracultura; O que era utilizado para chocar teve de ser reestruturado para manter seu sentido e não mais um produto da massa. Para isso foram surgindo locais do corpo e tipos de jóias mais bizarras para confrontar a sociedade.

O corpo é a parte mais cultuada do indivíduo contemporâneo. O objetivo da modificação corporal para os jovens das tribos urbanas é buscar a representação de suas crenças em um objeto que não lhe podem tirar, além de ser a única forma que eles encontram para atingir o público-alvo (sociedade): neles mesmos. A superação do corpo frágil e estéril pela mente, um *outdoor*

²¹ *Emo* é uma tribo baseada no estilo musical *emotional hardcore* que influenciou um comportamento tolerante (principalmente ao homossexualismo) e é baseado nas emoções e sentimentos.

simbólico para utilização de suas conturbações psíquicas da idade fazem da *body modification* um suporte midiático eficaz e impactante.

6.1 RECOMENDAÇÕES

Para a conclusão deste trabalho, seria necessária uma pesquisa de campo para uma minuciosa observação dos fatos estudados, com base em pesquisas de campo através de jovens adolescentes das tribos urbanas citadas que utilizam do corpo como forma de expressão - de preferência através pesquisa qualitativa para não serem induzidos a resposta. Além também de realizar estudos comportamentais vivenciando o modo de vida, costumes, gírias e atitudes para complementar com mais dados concretos sobre cada tribo e suas percepções. Os dados coletados no decorrer do trabalho ainda não foram capazes de dar uma resposta concreta da questão de pesquisa, pela falta de tempo e de recursos que exigiria.

REFERÊNCIAS

AMARILDO. *Entrevista xLinha de Frentex*. 2008. Disponível em: <<http://www.osubversivozine.com/entrevista/xlinha-de-frentex>>. Acessado em 08 de abril de 2009

ANONYMOUS TATTOO [*home page*]. Disponível em: <<http://www.anonymoustattoo.com/images/tattoos/zack/color/straightedge.jpg>>. Acessado em 14 de abril de 2009

BIVAR, Antônio. **O que é punk**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982

BRETON, David Le. **Adeus Corpo: Antropologia e Sociedade**. 3 ed. Campinas: Papirus - 2007

BUSATO, Cláudia. *O fascínio pelas imagens da moda: dos códigos à vinculação*. In: JUNIOR, Norval Baitello. **Símbolos vivem mais que os homens**. São Paulo: Annablume, 2006. P. 141-148.

CARMO, Paulo Sérgio do. **1950 - Culturas da Rebeldia: A juventude em questão**. São Paulo: Senac, 2001

CASTRO, Ana Lúcia. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume, 2003

GARCIA, Wilton. **Corpo mídia e representação: estudos contemporâneos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

GIZMODO [*home page*]. Disponível em: <<http://gizmodo.com/assets/resources/2007/08/grownupgeek.jpg>>. Acessado em 09 de abril de 2009

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teoria dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2004

GOLDBERG, Jacob Pinheiro. **Comunicação e cultura de massa**. 2 ed. São Paulo: Cultural, 1972

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005

HEWITT, Kim. **Mutilating the body: Identity in blood and ink**. Wisconsin: Popular Press, 1997

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002

JPG MAGAZINE [*home page*]. Disponível em:
<http://photos.jpgmag.com/1605826_156501_f49bb8289a_p.jpg>
Acessado em 14 de abril de 2009

MARTINS, Rosana Maria e CAMPOS, Valérias Cristina. **Guia prático para pesquisa científica**. 2 ed. Rondonópolis: Unir, 2004

MATHEUS, Tiago Corbisier. **Ideais na adolescência: Fala (d)e perspectivas na virada do século**. São Paulo: Annablume, 2002

MELLO, Christine. *Corpo em tempo real*. In: LYRA, Bernadette, GARCIA, Wilton. **Corpo e imagem**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002. P. 219-227.

MNULL [*home page*]. Disponível em:
<<http://www.uihealthcare.com/depts/medmuseum/wallexhibits/images/ScarBack.jpg>> Acessado em 14 de abril de 2009

OLIVEN, Ruben George. **Antropologia de grupos urbanos**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

PEREIRA, Carlos Alberto M.. **O que é contracultura**. 4 ed. Brasiliense, 1983

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Senac, 2005

ROSENBERG, Bernard. **Cultura de massa nos Estados Unidos**. In: ROSENBERG, Bernard, WHITE, David Manning. *Cultura de massa*. São Paulo: Cultrix, 1957. P. 15-25.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: Sintoma da Cultura**. São Paulo: Paulus, 2004

SANTOS, Adriana Bacellar Leite. **Meios de comunicação como extensões do mal-estar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

SEEUINHELL [*home page*]. Disponível em:
<<http://www.seeuinhell.com/images/punktat.jpg>>.
Acessado em 07 de maio de 2009

SÓCIO AMBIENTAL [*home page*]. Disponível em:
<http://img.socioambiental.org/d/212737-1/karaja_6.jpg>
Acessado em 09 de abril de 2009

VILAÇA, Nízia e GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998